

TABELLA VI

Escolares apresentando cabelo de typo *lissotricho* ou *kymatotricho*, mas com indice radio-pelvico superior a 100.

Sexo	Numero de ordem	Idade	Indice nasal	Indice radio-pelvico
♀	1	7	55.8	106.9
♀	2	8	66.6	100.5
♀	3	8	63.8	101.1
♂	4	11	96.8	109.4
♂	5	12	69.7	106.2
♂	6	13	77.2	101.3
♀	7	13	60.3	102.8
♀	8	14	58.0	107.2

Catitas

Dama do Passo

Anonasi, foto de. *boneca Calunga*
 O volume dos *Maracatus*. In: Estudos Afro-Brasileiros

Calunga

A Calunga dos Maracatus

Mario de Andrada

Honrado pelo convite de participar do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, lembrei-me de apresentar à corteção mais criteriosa dos Srs. Congressistas, as observações que já pude ajuntar sobre um caso curioso de confusão popular, tanto de lingua como de costumes. Entre a multidão cultivada e a mentalidade popular um dos elementos de diferenciação mais facéis de provar, é o da fixidez conceitos. O individuo cultivado, por isso mesmo que comprehender, tem a tendencia catalogadora de fixar as lavras em conceitos perfeitamente nitidos e delimitados o individuo popular, que vive muito menos prisioneiro da consciencia, e se utiliza permanentemente dos outros elementos de comprehensão do ser, deixa no geral tanto as suas lavras como seus conceitos enormemente indelimitados, nã convivencia acomodaticia com os mystérios.

Figura de grande importancia tecnica no bailado *Maracatus*, como é muito sabido no Recife, é a Dama do Passo. Pereira da Costa não lhe menciona aliás o nome o que faz presuppôr que este é bem recente. Não só se e tir com mais luxo, mas carece que ella tenha um donaire peccial no dançar. E em principal, saiba fazer o "passo" e pontas, esse dengue indescritivel de corpo, que é a volta dionysiacca dos frêvos pernambucanos. Ora a Dama do Passo tem como obrigação carregar uma boneca, de sexo femininamente enfeitada, que, como espero provar, é visivel reñiscencia de cultos feiticistas afro-americanos. Essa boneca é nomeada pelos menos por tres appellativos different Chamam-a geralmente de *Calunga*.

A palavra *calunga*, oriunda dos dialectos bantus, ton no Brasil um poder de sentidos, varios delles já designaao sufficientemente por Candido Figueiredo. E' um phenom

Bastante engragado de cataclrésse, que tentarei demonstrar com o que posso. Dos sentidos dados pelo dicionarista, nos importam agora apenas quatro: *calunga* tanto designa uma planta rutácea, um camundongo, um boneco, como ainda um indivíduo vadio e "ratoneiro". Que *calunga* designasse um "ratoneiro" nunca achei exemplo. Mas no sentido do vadio, de desocepado, é que, para Matto Grosso, o Visconde de Tamny emprega a palavra na *Inocencia* (1,38), quando o velho Pereira insulta de "calunga" o entomologista alemão. Nos quatro sentidos calunga é brasileiro, afirma o applicado dicionarista.

Mas varios outros sentidos brasileiros da palavra não foram consignados por Figueiredo. Assim, *calunga* tambem quer dizer qualquer figurinha de gente ou irracional, desenhada ou esculpida — o que parece extensão do sentido do boneco. No Nordeste (2,197) chamam de "calungas", em certas regiões, aos que trabalham com auto-caminhão, o que é evidente adaptação contemporanea dos "calungas", "ajudantes de carroceiro", pernambucanos, já consignados por Garcia (3,719). Finalmente Lucas Boiteux (4,105) conta que em Santa Catharina a palavra quer dizer "negro", com o que concorda o general Couto de Magalhães (5,168) pra Goyaz.

Boiteux porém, que viveu com o cerebro povoado de... calungas amerindios, dá origem tupy á palavra, vinda de *ocã-nada*, isto é, cabeça preta. Mas isso é delirio.. A voz é bem africana e bântu. Dias de Carvalho (6, ps. 386 e 392) a recolheu entre a gente de Luanda, com o significado de *senhor, chefe, grande*. Ocorre nas phrases-feitas de sandaço Mutiãvua: "Quaco mucto, calunga!", "Calunga, tuameca!", isto é, "Apertemo-nos a mão, Grande!", "Saudemo-nos, Senhor!". Entre os Bângalas, os mogos apoiam os oradores anciãos, exclamando: "Eh ná, calunga!", donde pode muito bem ter vindo o nosso modo excitante de apoiar: "Ah, Fulano!". Esse é um dos sentidos primitivos importantes da palavra, para o nosso caso.

Outros ainda teve... Macedo Soares (7,139) citando um inglez que esquece depois de indiciar quem é na bibliographia (o Cap. Ir. "Iaca" II, 241) nos dá mais esclarecimentos. Diz que inicialmente *calunga* significava em angolense o *mar*, e d'ahi *deus*, não o deus delles, zambi, familiarmente conhecido e representado em figura, mas o Deus incognoscivel dos missionarios, o qual era imposto aos negros comprehender, e por isso lhe deram um nome *perfeitamente como ao mar, calunga ou lungu, cuja latitude não percebem*". (Nas palavras sublinhadas elle está citando o seu autor). E' estranho que

os meus portuguezes consultados não se refriram a *calunga* sentido de mar-oceano. Frei Canecaim (8,149) *in fine* em *conheze mar* se diz *mú*. Alfredo Sarmiento (9,29) proximaré talvez de *calunga*, quando afirma que *calunga* significa "rólo de mar na praia". Macedo Soares, expliça a triplicidade mar-Deus-rei de *calunga, paroiçina* que bem, e pela razão de superioridade divina ou quasi-divina, chamam os Abnundos aos fidalgos, *calungas*, uns como seus intermediarios dos seus adeptos junto á pessoa de *manchique*". Parece difficil, mesmo com as razões que *calunga-mar*, viesse a representar em seguida o incognoscivel dos missionarios e "pela mesma razão" dada, aos nobres da tribu. Do exposto o que se delibada mais probabilidade é que inicialmente *calunga* trazia um certo vago, mystico, de grandeza inexplicavel, de supradade mysteriosa ou força sobrenhumana. E talvez por de-facto os reis e chefes de Angola, Congo e adjaçencia e fidalgoes dos clans, eram todos "calungas" pra negra da permanecem muito dentro da noção dos reis-denses, num aos Primitivos em geral (Conf. 10, ps. 249 e 253, 11,83). Emfim Heli Chatelain, que é dos mais autor para falar dos dialectos bântus (12, ps. 64, 65; notas 514) vem confirmar a significação mystica da palavra *larga*, quando enriquece com mais significados a extraorlaryza de sentido da tal. Por elle, a palavra ainda pregada exclamativamente, para designar admiração, pãção da morte, ou a propria "terra sem mal" dos Amerin

Mas para que *calunga* viesse em seguida a designar *boneco*, a meu ver se deu o que Darmesteter (V. 13, 76) provavelmente entre os negros do Brasil, já meio esquecida, feita pelo guarda-marinha portuguez Alexandre M de Castillo (14, I, 133), está contado que os sovas dos seus distinctivos de poder: "Na cabeça trazem vimes enrodos e uma porção de crina comprida representando ena não têm um pau com um boneco na *extremidade*". E significar, por encadeamento, *calunga* (chefe, senhor) ve politico-religioso dos chefes) e, por extensão de sentido, boneco qualquer, e as figurinhas esculpidas ou desenhadas. E agora vem um facto extremamente curioso pra que

se interessa por problemas destes. *Calunga* dos *Maracatús*, carregada pela Dama do Passo, seria apenas o *calunga* boneco? Imagino ainda que não. Deve ter se dado na psicologia dos nossos negros uma contaminação de sentidos, porque a *Calunga* dos *Maracatús* nunca é um boneco de qualquer sexuação, mas fixamente uma boneca de sexo feminino. Ora Frei Canecatin (8, ps. 3, 10 e 98), corroborado aqui pelo próprio Chatelein, como se verá mais pra diante, nos diz que no quimbundo uma rapariguinha é designada pela voz *calumba*. Esta palavra também passou pra este lado do Atlântico. Figueiredo consigna *calumba-do-brasil*, no mesmo sentido de planta rútica (*simba calumba*) que já dera pra *calunga*. Manuel Querino (15, 100) se aproximando mais do sentido de frei Canecatin, fixou a voz *calumbha* (sic), que está como refração, numa espécie de cantiga de *mucamas*, da Bahia:

Vamos atrás da Sé
Na casa de sinhá Teté,
— *Calumbha* —
Ver a mulatinha
Da cara queimada.
Quem foi que a queimou?
A senhora della, —
Calumbha. —
(Etc.)

Isso nos recorda imediatamente outro refração célebre, guardado por Sylvio Romero (16, 197) no Sergipe, mas na verdade generalizado enormemente no paiz:

Alé, Alé, *Calunga*,
Mussunga, mussunga êh!

Mas deste refração a gente não pode inferir com valentia o sentido. *Calunga* ahí, parece mais significar *senhor, chefe*, ou coisa assim. E o "Alé Calunga!" corrobora a minha suposição anterior de que o nosso grito approbativo de excitação "Ah, Fulano" vem daquelle apoiado "Êh ná, Calunga!" dos angolenses. No caso, o "êh ná" está musicalmente deformado em fórmula neumatizada, assimilavel ao "ôô" ibérico, que ainda permanece vivo entre nós. Já porém Silva Campos (17, 211) num dos seus contos bahianos, nos dá prova muito segura de que *calumba* e *calunga* foram identificados entre nós pelos afrobrasileiros esquecidos. É quando a canária cha-

A Calunga dos Maracatús

na pela sua filhinha fême, roubada do ninho, com pece de ecalanto suave, que diz assim:

Nanê-ê, nanê-ê,
Nunga, *calunga*,
Calunga-ê;
Chamo nam chamo,
Chamo nam chamo,
Chá-chá-ouê!

Ora neste verso, *calunga* significa evidentemente *la*, rapariguinha, ou, pra ser mais proprio, filhinha, que femezinha de pouca idade.

Assim, além de encadeamento de sentidos, pelo qual *lunga* de designar mysticamente *chefe, sova, matáwan* chefe, parece ter se dado uma etymologia popular. Con boneco nos *Maracatús*, pelo menos, é uma representação (1) : a moça, a rapariguinha de frei Canecatin, a que me parece ter vindo definitivamente a *Calunga* dos *catús*. E por tudo isso nós chamamos no masculino, o *calungu* ao negro em geral, aos trabalhadores de autoaminhão e *gúrinhás* plasticas; e no feminino, a *calunga*, as rapariguetas e a boneca levada pela Dama do Passo.

Mas ainda estamos no meio da meada. O ratinho que itio de Janeiro, na Bahia e por todo o Nordeste é designado por *calunga*, também entre nordestinos leva o nome *calunga*. Esta synonymia provém de novo encadeamento. A Bessa (19, p. XVIII) diz que em Portugal *Catita* é o nuthivo popular de Catharina. Coisa que também é sabida to no Brasil. Na minha inocidade dansei demais com Catita, celebre em São Paulo pela boniteza do olhar e bello. Me valha ao menos a companhia de Bates (20), que também não deixou de se engrajar no Amazonas por "smart, lively manelico woman, named Caterina, who called Senhora Catita"... Caterina foi muito nome de no Brasil, o que ficou eternizado em documentos importados do nosso folk-lore. No *Bot-Bumbá* do Norte, como no *Pra meu-Bô* do resto do Brasil, occorre um personagem feminino a preta Mãe Caterina. Mesmo o diminutivo em questão nesse bailado, pois conforme Gustavo Barroso (21, 212,

(1) Será talvez um symbolo de matriarquia... As civilizações pertencem ao patriarado, mas estão intensamente pedadas de matriarado (Conf. 18, 300).

Bumba-meu-Boi cearense, a Preta "encapetada e valente" que mata o boi, é a *Catita*. Mais importante pra nós é o conto etnológico do "Macaco e da Velha" (Conf. 22, 265), muita falsa que o macaco chama de Caterina, é na verdade uma boneca-de-cêra. Essa tradição das bonecas-de-cêra, também permanente nas *lar-babies* dos Estados afro-ibínicos, é anecdotado em reportagem por Chateletain (12, ps. 184 e 295) no conto "Na Ngo, ni Kahina, ni Kablin", em que as bonecas-de-cêra (Sul de Minas) sei por mim que a esse bonequinho artífice, de madeira, collocado entre duas hastes com um dispositivo especial que permite, apertando-as, fazer o boneco saltar, designam lá desde pelo menos o terceiro quarto do século passado, por "o *catito*". E vem agora, pra tudo ajuntar, na feiticaria de Pernambuco figuram "entre outros objectos, alguns bonecos ou *fetiches*, um dos quaes tem o nome evidentemente africano de Santo-Bodum, e o outro o de *Catita*". Ora justamente a boneca dos *Maracathis*, também é chamada *Catitida*, do que guardam provas duas das peças do bailado, *Colhidas* por mim no Recife. Numa dellas, o texto parece mesmo indicar ainda uma recordação mystica, que assumiria a *Catita* pernambucana ás santas místicas do candomblé:

— Eih, cadê dona Catitinha
Que no mundo na apparece?

— Eja está debaixo daagua,
Que não assobe nem desce.

Creio ter apresentado á consideração dos Srs. Congressistas um portentoso caso de confusionalismo popular de nomenclatura e conceitos.

E para ser completo apenas devo acrescentar que mesmo os nomes de *Calunga* ou *Catita*, dados á boneca da Dama-lar. Muitos já designam a figurinha simplesmente por "a Boneca", que nem os ilheus da Mancha nomeiam as figuras-de-prêa das suas embarações (V. 24, VIII de 1933, p. 472).

Me resta apenas agora provar definitivamente que a Boneca dos *Maracathis* tem significado religioso. Si já vimos, pela relação do guarda-marinha português, um boneco etnológico de poder de chefes conguezes, o que já é suficiente para que a gente lhe attribua significado mystico, é ainda facil de determinar o franco valor religioso desse bone-

A Calunga dos Maracathis

co. Elle ainda é usado por feiteiros, como prova Pereira da Costa. O que não está bem esclarecido por graphos é o valor symbolico desse boneco de feiticaria representando o proprio feiteiro que o tem, ou algum

Dono primeiro as indicações populares que puzi No *Maracathis do Sol Nascente*, que foi o estudo mim, quando estive pela ultima vez no Recife, o appellido da Calunga, na séde, antes da partida do rancho bolecido por um verdadeiro ritual. A Dama do Passado pessoal vai entoando a melodia choreographica personal de Calunga e entra no cordão. Emquanto Calunga. Ao chegar dentro do cordão, a Dama do Passado e a Boneca a uma das "paimans", que com ella é boecado e a entrega a outra bahiana. E assim a passa de mão em mão. Quando todos "pegaram na" recolhida pra séde e botada na mesa, me disse textinho. Como se vê, é um legitimo ritual que vem e allias com os estudiosos do feiticismo afroamericano, affirmam que o boneco dessa feiticaria não é um objecto de escarnio, contra os pretos, colhido por I Mota (25, 90), affirma:

Negro não adora a santo,
Negro adora é a Calunga.

Pereira da Costa chamou decididamente de "feiticaria da feiticaria pernambucana"; porém Nina Ró também se refere á esses bonecos, como pertencentes a domblé bahiano. Nega fortemente que sejam idolos de quer especie, achando que "não são mais que ornamentos residem os orixás, e portanto nem feitiços nem ídolos", dando Ortiz (27, ps. 77 e 130) que esclarece mais o assunto em Cuba, ainda sem lhe dar nome, diz que o boneco é um objecto exotador, que se destina especialmente "a ser pra cabir no santo". E mostra mais, ainda pra Cuba, negros lá (que é exactamente o sentido dos *Maracathis* Dia-de-Reis, como manifestação dos caracteres religiosos de "bidos". E finalmente Arthur Ramos (28, 26), um l